

FONSECA, LEOPOLDO NÉRI DA

*militar; rev. 1922; rev. 1930.

Leopoldo Néri da Fonseca Júnior nasceu no Amazonas em 6 de janeiro de 1885.

Sentou praça em 1901, tornou-se aspirante em 1908 e foi sucessivamente promovido a segundo-tenente (1909), primeiro-tenente (1914) e capitão (1919), bacharelando-se ainda em ciências físicas e matemáticas durante esse período.

Em 5 de julho de 1922, participou do levante do forte de Copacabana, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, deflagrado em protesto contra a eleição de Artur Bernardes para a presidência da República e as punições impostas a militares pelo governo de Epitácio Pessoa. Não chegou, porém, a participar da marcha dos 18 do Forte pela praia de Copacabana, por ter sido incumbido de vigiar o general Bonifácio da Costa, comandante do 1º Distrito de Artilharia da Costa, que estava detido no forte. Debelada a revolta no mesmo dia, foi preso e enviado para o Hospital Central do Exército, de onde conseguiu fugir. Reintegrou-se então ao movimento tenentista, conspirando sob os cognomes de Marcos da Frota e Clóvis Garcez. Preso novamente, mais uma vez conseguiu evadir-se.

Em 2 de maio de 1925, junto com outros oficiais, atacou o quartel do 3º Regimento de Infantaria na Praia Vermelha, no Rio, visando a conquistar seus efetivos para uma marcha sobre o palácio do Catete, sede do governo federal. O golpe fracassou logo na fase inicial, com a debandada dos soldados do 3º RI. Durante a rápida troca de tiros, morreu o tenente rebelde Jansen de Melo.

Em 1928 foi condenado a um ano e quatro meses de reclusão pelos acontecimentos de 1922. Na fase de preparação da Revolução de 1930, foi convidado para a chefia militar do movimento em Minas Gerais, em substituição ao coronel João Maria Xavier de Brito, gravemente doente. Aceito o convite, demitiu-se do cargo de diretor da 4ª Seção das Obras de Saneamento, em Campos (RJ), e rumou para Minas Gerais.

Segundo seu próprio relato, nas vésperas da eclosão do movimento recebeu de Lindolfo Collor, um dos líderes gaúchos da revolução, uma missão secreta que exigia sua presença na capital federal. Assim, encarregou Aristarco Pessoa de substituí-lo nas suas funções em Minas Gerais. Sua ausência de Minas durante a revolução deu margem a que fosse acusado de traição, o que, entretanto, foi desmentido posteriormente por vários revolucionários,

como Virgílio de Melo Franco, José Antônio Flores da Cunha e Aristarco Pessoa. Todos confirmaram a existência da missão de Néri na capital federal, sem que, entretanto, tenha sido revelada sua finalidade.

Com a vitória da Revolução de 1930, foi promovido a major em 15 de novembro do mesmo ano e, logo depois, nomeado ajudante de ordens de Afrânio de Melo Franco no Ministério das Relações Exteriores. Em 1932, combateu a Revolução Constitucionalista em Mato Grosso. Em 1933, foi eleito suplente de deputado à Assembleia Nacional Constituinte, na legenda da Aliança Trabalhista Liberal do Amazonas.

Em 1934, escreveu a obra *Agora, eu!... Defesa do major Néri da Fonseca*.

Helena Faria

FONTES: ASSEMB. NAC. CONST. 1934. *Anais*; CONSULT. MAGALHÃES, B.; FONSECA, L. *Agora*; FRANCO, V. *Outubro*; MIN. GUERRA. *Almanaque*; NOGUEIRA FILHO, P. *Ideais*; SILVA, H. 1922; SILVA, H. 1930.